

CONSERVAÇÃO DE SEMENTES DO IPÊ AMARELO (TABEBUIA OCHRACEA)

Elizeu Alves Pinto¹, Celio Vinicio Santos da Costa¹, Robson José Esteves Peluzio², Cristiane Miranda Martins²

¹Graduandos do Curso Superior Tecnologia em Alimentos- IFTO. Campus Paraíso do Tocantins e-mail: elizeurock@hotmail.com

² Docentes do Curso Superior Tecnologia em Alimentos - IFTO. Campus Paraíso do Tocantins. e-mail: cristiane@ifto.edu.br

Resumo: Programas de recuperação florestal empregam, em sua maioria, o plantio de mudas de espécies nativas. O ipê é uma espécie amplamente distribuída pelo território brasileiro apresentando, um período de viabilidade relativamente pequeno sendo, portanto, interessante a manutenção da viabilidade destas por um maior espaço de tempo. Assim o objetivo do trabalho foi avaliar a emergência e o vigor de sementes de *Tabebuia ochracea* durante o período de armazenamento, visando fornecer informações aos viveiristas para a produção de mudas dessa espécie. Assim, realizou-se a coleta das sementes em matrizes selecionadas em Palmas, Paraíso do Tocantins e região, a partir dos meses de agosto e setembro de 2016. As mesmas foram homogeneizadas e armazenadas em sacos de papel (E1), sacos plásticos (E2) e sacos de pano (E3) no ambiente do laboratório (T1) e em geladeira (T2) sendo, posteriormente, realizado o teste de emergência nos diferentes tempos de armazenamento. Sementes armazenadas em temperatura refrigerada em sacos de papel foram as que apresentaram o maior percentual de emergência do ipê amarelo, durante 150 dias de armazenamento.

Palavras-chave: Armazenamento, emergência, ipê amarelo

1 INTRODUÇÃO

O Ministério do Meio Ambiente divulgou, no ano de 2014, dados relacionados ao desmatamento no bioma Cerrado indicando que cerca de 986.711 Km² deste bioma haviam sido suprimidos ou antropizados até o ano de 2010, ou seja, o equivalente a 47% da área do Cerrado. O Tocantins, de acordo com este estudo, é um dos estados que apresentou maior incremento de desmatamento junto aos estados do Maranhão, Bahia e Piauí.

A antropização no Estado do Tocantins é baseada, principalmente, na exploração da pecuária e em monoculturas agrícolas. Este mesmo autor afirma que a escolha das espécies vegetais visando a recuperação de uma área desflorestada deve envolver não apenas a recuperação da paisagem, mas também o manejo e o uso múltiplo das espécies por comunidades locais (SANTOS, 2014).

O ipê é uma espécie de ampla distribuição no território brasileiro (OLIVEIRA; FAVERO, 2006), pertencendo a família Bignoniaceae, com cerca de 860 espécies distribuídas em 104 gêneros (FISCHER et al., 2004), destacando-se o gênero *Tabebuia* (CIPRIANI, 2006). *Tabebuia ochracea*, popularmente conhecida como ipê amarelo, é uma espécie disseminada pelo Brasil através de sua utilização na arborização de ruas e paisagismo de praças, sendo considerada uma das árvores-símbolo do país (LORENZI, 2013).

Contudo, a literatura relata que as espécies de ipê possuem período de viabilidade natural relativamente curto, ocasionando assim a perda de sua capacidade de germinação em poucos dias o que



representa dificuldades no estabelecimento de técnicas de cultivo visando à produção de mudas (PINTO; SADER; BARBOSA, 1986).

Assim o objetivo do trabalho foi avaliar a emergência de *Tabebuia ochraceae* armazenadas em diferentes embalagens e temperaturas ao longo do tempo, visando fornecer informações aos viveiristas para a produção de mudas dessa espécie.

2 METODOLOGIA

O experimento foi desenvolvido no Laboratório de Fitotecnia e no viveiro de produção de mudas do IFTO - *Campus* Paraíso do Tocantins. Foram coletadas sementes de ipê amarelo (*Tabebuia ochracea*) em áreas de Palmas, Paraíso do Tocantins e região, a partir dos meses de agosto e setembro de 2016, considerando o vigor, porte e sanidade das matrizes selecionadas.

Após a coleta, foi realizado o beneficiamento em laboratório, separando as sementes de seu invólucro de dispersão (sementes aladas). As mesmas foram colocadas para secar sobre papel toalha em temperatura ambiente (FOWLER; MARTINS, 2001). As sementes foram homogeneizadas e armazenadas em sacos de papel (E1), sacos plásticos (E2) e sacos de pano (E3) no ambiente do laboratório (T1) e em geladeira (T2) até a realização dos testes. As amostras para realização dos testes foram retiradas ao acaso de cada lote de sementes coletadas.

Para o teste de emergência foi utilizado como substrato areia lavada e solarizada, acondicionada em bandejas plásticas, com dimensões de 31cm x 22 cm x 7,5 cm (comprimento x largura x profundidade), onde a semeadura das espécies foi realizada.

Foram semeadas quatro repetições de 20 sementes, entre areia (0,5 cm de profundidade) nos tempos 30, 60, 90, 120 e 150 dias após a coleta. As irrigações foram diárias. As avaliações foram realizadas semanalmente observando-se as plântulas emersas (PELUZIO et al., 2014).

O delineamento experimental utilizado foi o de blocos casualizados (DBC), com quatro repetições. Os tratamentos foram as combinações dos níveis dos fatores: tempo de armazenamento, embalagem e temperatura. Os dados foram submetidos à análise de variância e, quando necessário, transformados empregando-se raiz quadrada de x . A verificação do nível de significância dos fatores e das suas interações foi realizado por meio do Teste F. Quando significativas, foram aplicados testes de médias para os fatores empregando-se o Teste Tukey, a 5% de probabilidade. A análise foi realizada empregando o programa estatístico ASSISTAT versão 7.7 (SILVA; AZEVEDO, 2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira avaliação as sementes armazenadas em ambas as temperaturas apresentaram alto índice de emergência, com valor médio de 84%.



Figura 1 – Teste de emergência de sementes de ipê amarelo.

Foi constatada emergência apenas no primeiro período de avaliação para sementes de ipê armazenadas em temperatura ambiente, independente da embalagem de acondicionamento (Figura 2). Degan et al. (2001) afirma que sementes de ipê possuem comportamento característico de sementes ortodoxas, apresentando rápida deterioração quando mantidas a temperatura ambiente. Podemos inferir, assim, que é considerado desfavorável o armazenamento de sementes de ipê amarelo em temperatura ambiente.

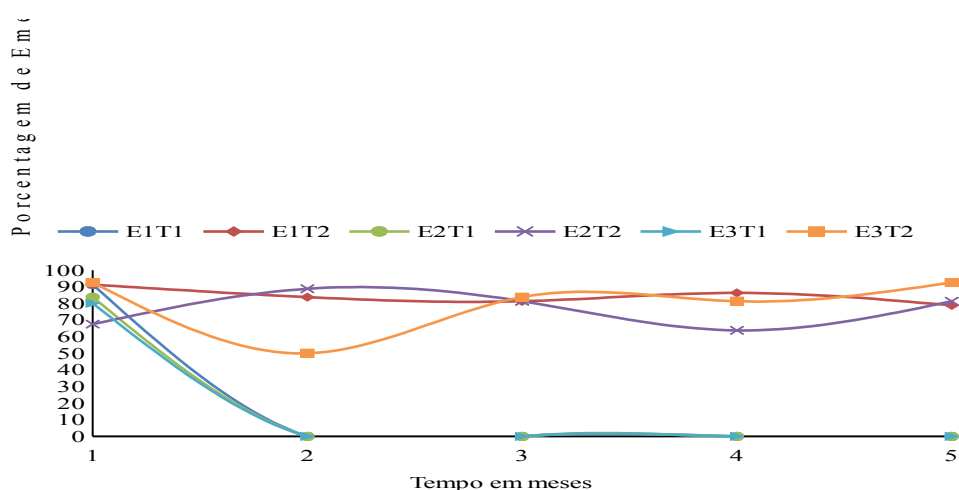


Figura 2 – Porcentagem de emergência das sementes de ipê amarelo acondicionadas em embalagens de sacos de papel (E1), sacos de plástico (E2), sacos de pano (E3) em diferentes temperaturas, ambiente (T1) e refrigerada (T2).

De acordo com os resultados, sementes armazenadas em embalagem de papel sob temperatura refrigerada (E1T2) mantiveram uma porcentagem de emergência mais elevada e estável, com valores variando entre 80 e 90%, até o último período de avaliação. Para o armazenamento em embalagens de plástico e pano sob temperatura refrigerada houve uma maior amplitude na porcentagem de emergência variando de 63% a 88% e de 50% a 92%, respectivamente. Logo, podemos afirmar que todas as embalagens testadas sob temperatura refrigerada mantiveram as sementes de ipê amarelo viáveis no decorrer dos meses, sendo as mesmas aconselhadas para o emprego em sua conservação.

Para Scalon et al (2006), o armazenamento e a refrigeração são importantes no incremento da emergência das sementes de jacarandá (*Bignoniaceae*), as quais não devem ser semeadas logo depois de extraídas do fruto, pois se observou que a porcentagem de emergência aumentou com o período de armazenamento e com a refrigeração.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sementes armazenadas em temperatura refrigerada em sacos de papel foram as que apresentaram o maior percentual de emergência do ipê amarelo, sendo a mais favorável para conservação da qualidade e vigor das sementes, durante 150 dias de armazenamento.

Durante o armazenamento em temperatura ambiente ocorre rápida deterioração das sementes dessa espécie, e, portanto, para a obtenção de mudas os produtores/viveiristas devem semeá-las logo após sua colheita.

5 REFERÊNCIAS

CIPRANE, F.A. **Aspectos Quimiotaxonômicos da Família Bignoniaceae**. 2006. 73 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2006.



DEGAN, P.; AGUIAR, I. B de; SADER, R.; PERECIN, D.; PINTO, L. R. Influência de métodos de secagem na conservação de sementes de ipê-branco. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, v.5, n.3, p. 492 - 496, 2001.

FISCHER, E.; THEISEN, I.; LOHMANN, L.G. Bignoniaceae. In: KUBITZKI, K.; KADEREIT, J. W. **The families and genera of vascular plants**. Heidelberg, v. 7, p. 9-98. 2004.

FOWLER, J.P.; MARTINS, E.G. **Manejo de sementes de espécies florestais**. Colombo: Embrapa Florestas, 2001. 76 p. (Embrapa Florestas, Documentos).

GARCIA, S. F.; OLIVEIRA, C. de; SILVA, B. M. da S. Emergência de plântulas de *Tabebuia caraiba* (Mart.) Bureau. **Ciência Rural**, v. 42, n. 8, p. 1419 - 1422, 2012.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2013. 384 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **PPCerrado** – Plano de Ação para prevenção e controle do desmatamento e das queimadas no Cerrado: 2ª fase (2014-2015). Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2014.132 p.

OLIVEIRA, A. K. M. de; SCHLEDER, E. D.; FAVEIRO, S. Caracterização morfológica, viabilidade e vigor de sementes de *Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook. f. Ex. S. Moore. **Revista Árvore**, v. 30, n.1, p. 25 - 32, 2006.

PELUZIO, T.M.de O.; SILVA, M.P.da; SILVA, A.M.da; AZEVEDO, J.M.G.de; PELUZIO, J.B.E. Emergência de plântulas de pimenta rosa durante o armazenamento de sementes. In: Nativas 2014 – Simpósio sobre produção de sementes e mudas, 2014, Viçosa – MG. **Anais...** Viçosa: UFV, 2014.

PINTO, M. M.; SADER, R. S.; BARBOSA, J. M. Influência do tempo de secagem e do armazenamento sobre a viabilidade das sementes de ipê-rosa. **Revista Brasileira de sementes**, v. 8, n. 1, 1986.

SANTOS, E. W. M dos. **Formigas como biondicadoras em fragmentos de cerrado no sul do Tocantins**. UFT. Gurupi. TO. 2014. 46 p.

SCALON, S. de. P.Q. et al. Armazenamento e tratamentos pré-germinativos em sementes de jacarandá (*Jacaranda cuspidifolia* Mart.). **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v. 30, n.2, p.179-185, 2006.



SILVA, F. de A. S. e.; AZEVEDO, C. A. V. de. The Assistat Software Version 7.7 and its use in the analysis of experimental data. **African Journal of Agricultural Research**, v.11, n.39, p.3733 - 3740, 2016.